

O Baluarte do Livramento e a Casa de Goa estão em perigo iminente



Valentino Viegas

10 Novembro 2022 — 14:56

Nunca é demais alertar os portugueses, menos atentos ou indiferentes, que um padrão do seu património nacional está ameaçado de morte iminente.

Quando um monumento nacional e as instalações de uma instituição prestigiada estão em perigo, é a própria identidade nacional que está em causa e o organismo posto em risco.

Isso não é nenhuma falácia ou especulação, trata-se de uma possibilidade que pode transformar-se em realidade, caso não haja uma mobilização dos lisboetas para impedir que venha a ser concretizada.

Em primeiro lugar reitero que, em boa hora, o Metropolitano de Lisboa decidiu expandir a linha vermelha, deliberação que ninguém pode deixar de saudar e louvar por ser necessária e indispensável para o bem-estar dos munícipes.

Contudo, foi verificado que os autores da obra não deram a devida importância ao facto de, - se levarem por diante o único projecto que reiteradamente tem sido noticiado -, uma parte da muralha, na área em que o túnel e o viaduto se encontrarem, será amputada, definitivamente.

Caso a outra seja desmontada, para ser reconstruída e reforçada estruturalmente, como é afirmado pelos seus responsáveis técnicos, isso será impossível de se realizar por causa das características do material de que se compõe a muralha. E contrariamente ao que tem sido veiculado pelos representantes do Metropolitano, em reuniões públicas, o Baluarte do Livramento não se encontra degradado, mas em excelente estado de conservação.

Transformar grande parte do espaço ocupado pela Casa de Goa, com tudo aquilo que ela representa em termos históricos, em estaleiro para infra-estruturas de apoio às obras do Metropolitano, como irá acontecer, conforme reafirmação pública feita pelos seus representantes, pode ser aceitável para os lisboetas por se trocar por um bem público maior e do interesse da colectividade, mas nenhum português pode aceitar com indiferença que um monumento, que faz parte da memória colectiva do povo português seja destruído, sob pena de poder ser acusado de menosprezar a identidade nacional.

Pois bem, o Baluarte do Livramento é uma construção militar, edificada no século XVII, que nas guerras de Restauração da Independência Nacional (1640-1648), fazia parte da linha defensiva da cidade de Lisboa.

A preservação, manutenção e defesa dos monumentos históricos constitui uma obrigação de todos os portugueses amantes do seu país e do legado da memória colectiva dos seus ancestrais.

Compreendo que o Dr. António Costa, Primeiro-ministro de Portugal, não se manifeste nem queira intervir nessa matéria por ser sócio honorário da Casa de Goa e, por isso, poder ser acusado de querer ser juiz em causa própria, mas não entendo o silêncio do nosso Presidente da Câmara de Lisboa, Dr. Carlos Moedas, que no discurso da tomada de posse, apelou ao envolvimento das pessoas na decisão para o futuro da urbe, dizendo que "gostava que fosse conhecida como cidade que cuida de quem precisa", e afirmando também que "não serei um presidente de gabinetes. Estarei lá fora a ouvir as pessoas e a trabalhar convosco".

Lamento profundamente que, apesar de ter sido convidado, ainda não tenha visitado a Casa de Goa para sentir a sua respiração e ver o estado de saúde da Muralha do Baluarte do Livramento e da Guarita.

Nas reuniões a que assisti com os representantes do Metropolitano, tenho verificado que apresentam o projecto não para ser discutido, mas como facto consumado.

No último debate temático do traçado da linha vermelha do Metropolitano de Lisboa, - "Impactos para a População, Consequências para o Património e para a Estrutura Verde da Cidade" -, mais uma vez confirmei aquilo que pensava acerca dos representantes do Metropolitano, que não sei se estavam presentes. Para eles o projecto seleccionado é um facto consumado e, como detêm a força do poder, comportam-se como autênticos donos da cidade de Lisboa.

Terminada que está a fase das opiniões, consultas e pareceres, entrámos no derradeiro período, ou seja, das decisões.

Para meu espanto e surpresa, constatei, no último debate, que nem aos deputados municipais o Metropolitano facultava informações, recusando-se a apresentar o estudo dos dezassete projectos alternativos que possui.

Ainda vamos a tempo de lançar o alerta, despertarmos do nosso marasmo, e actuarmos em prol da defesa do monumento nacional.

Peço aos representantes municipais, por nós eleitos, que se façam respeitar e impeçam que o todo-poderoso Metropolitano de Lisboa, pura e simplesmente, vos ignore. Por favor, travem, enquanto é tempo, a destruição do Baluarte do Livramento e, com aquele monumento nacional, parte da Casa de Goa, antes que a perda seja definitiva e irreversível.

Historiador